

A NOVA ORDEM MUNDIAL E A GEOPOLÍTICA DO MUNDO ATUAL*

por Ioshua Costa Guedes**

Com o fim da Guerra Fria e da bipolaridade mundial, observa-se a não existência de uma definição de blocos de poder, já que a complexidade em que o mundo está envolvido é contraditória e regida por interesses dos mais variados.

Atualmente, notam-se transformações na nova geopolítica mundial em que os poderes estabelecidos não correspondem aos do passado.

Antes de abordar o tema, é importante conhecer e diferenciar geografia política de geopolítica. De acordo com Miyamoto (1995, p. 23-24) “a geografia política pertence ao campo da geografia, enquanto a geopolítica encontra-se intimamente vinculada à ciência política”. Nesta, há a preocupação com elementos e a aplicação destes numa política para fins estratégicos.

Complementando o conceito de geopolítica, Costa (2008, p. 55) a caracteriza como um subproduto da geografia política, “na medida em que se apropria de parte de seus postulados gerais para aplicá-los na análise de situações concretas interessando ao jogo de forças estatais projetado no espaço”.

Com a emergência das potências mundiais e, juntamente a elas, o imperialismo era a forma histórica de relacionamento internacional. Os termos potência mundial e imperialismo referem-se à “expansão do capitalismo baseado na industrialização crescente e na reprodução ampliada do capital, assumindo cada vez mais [...] a sua forma monopolista” (COSTA, 2008, p. 59).

O campo de interesse e as disputas imperialistas ampliaram-se com enfrentamentos que provocaram a Primeira Guerra Mundial. Esses conflitos entre as grandes potências, já estruturadas em blocos e alianças militares, envolviam os aliados (potências médias) e tratava-se “de uma corrida econômica e política que evoluía rapidamente para o conflito militar em escala mundial” (COSTA, 2008, p. 64).

Algo inovador nas disputas de hegemonia, mundialmente, foi a emergência dos Estados Unidos como grande potência no final do século XIX. Logo após a sua independência, os norte-

-americanos estiveram empenhados em alargar seu território original.

Com o fim da Primeira, sucedeu a Segunda Guerra Mundial e, como consequência desta, a Guerra Fria, caracterizada, principalmente, pela bipolaridade mundial.

Ainda é pertinente abordar os aspectos da nova ordem mundial, decorrentes do Pós-Guerra Fria.

Como concepções de poder, a geopolítica deteve-se em teorias que eram apoiadas nas áreas terrestres, marítimas e aéreas. O poder terrestre teve como principal defensor Halford Mackinder (1861-1947) que, baseando-se nos fatores geográficos e históricos, defendeu a *heartland* ou teoria do coração do mundo, que faz parte da Ilha Mundial, sendo caracterizada pelas terras da Europa e Ásia. Já o mar era visto com um obstáculo a ser vencido e transposto e foi considerado como fonte de poder. Nisso, Alfred Thayer Mahan (1840-1914) é o mais conhecido defensor do poder marítimo, e enumerou condições que afetam este poder: posição geográfica, configuração física, extensão das costas, quantidade da população voltada para as atividades marítimas, entre outras. O poder aéreo, com o avanço tecnológico a partir da Primeira Guerra Mundial, tornou-se fundamental para possuir um bom resultado no combate militar, já que do alto vê-se bem e melhor o inimigo, distinguindo-se o alvo (MIYAMOTO, 1995).

Para uma definição de ordem mundial, de acordo com VESENTINI (2007), geralmente é feita pela “presença de uma ou mais grandes potências mundiais e [...] não se avança muito quando se nega a idéia de uma (nova) ordem e se enfatiza o termo desordem, pois toda ordem mundial é instável e plena de conflitos e de guerras”.

Para um entendimento de nova ordem mundial, em geral, remete-se aos ciclos ou fases da reprodução capitalista. Dentre estas, estão o capitalismo concorrencial, monopolista e o monopolista de Estado. No período Pós-Segunda Guerra Mundial, a economia caracteriza-se pelo modelo fordista (economia de escala, capital monopolista, poder estatal, trabalhador

especializado, intervencionismo estatal). A crise atual individualiza o modelo pós-fordista ou de economia flexível (economia de raio, empresarismo, poder financeiro, trabalhador flexível, neoliberalismo). Entretanto, esses modelos interpenetram-se no capitalismo contemporâneo.

A nova ordem também se refere à situação dinâmica de modificações que o mundo passou a apresentar em sua estrutura geopolítica e econômica, nos períodos imediatamente antecedentes e subsequentes à queda dos regimes socialistas no Leste Europeu. Assim, a nova ordem tem mais de nova do que especificamente de ordem, já que muitos a denominam também de (des)ordem mundial, devido a uma indefinição específica da situação global.

No período entre guerras, ocorreram multipolaridades indefinidas. No Pós-Segunda Guerra, verificou-se uma bipolaridade, onde os EUA definem uma logística global e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) atua como potência política e militar. Com relação a isto, Vesentini (2007, p. 77) afirma que “[...] a bipolaridade, embora fosse tensa na medida em que havia o risco de uma terceira guerra mundial, era perfeitamente legível ou coerente. As grandes potências político-militares eram também grandes potências econômicas e até culturais [...]”. Ou seja, havia uma definição mais evidente quanto aos conflitos, em que, de um lado, estavam os Estados Unidos em confronto com a ex-URSS, de outro.

De 1945 a 1989 a ordem mundial foi marcada pelo confronto entre norte-americanos e soviéticos, conhecido também como confronto Leste-Oeste. Nos anos 1950, as transformações do capitalismo e dos processos de descolonização e independência dos países africanos e asiáticos geraram perspectivas novas no sistema mundial.

Nos anos 1970, o mapa geopolítico permaneceu, a corrida nuclear foi intensificada e a armamentista radicalizou-se. Economicamente, ocorreram transformações, tal como a crise do petróleo em 1973 que desestabilizou a industrialização fordista e abalou as relações centro-periferia, entretanto, não definiu uma queda determinante do sistema industrial capitalista, mas, sim, estabeleceu direções para uma nova fase caracterizada pelas tecnologias. Neste contexto, a perda da produtividade e a falta de inovação do mundo socialista proporcionaram-lhe um declive em que, progressivamente, tanto política como ideologicamente desestabilizaram as relações

Leste-Oeste e, conseqüentemente, fizeram cessar o conflito.

A derrubada do muro de Berlim, em 1989, foi um dos momentos do século XX que permaneceram na história. Fato este que significou, tanto em valor real quanto metafórico, o fim de uma época geopolítica. Acompanhando a queda do muro de Berlim, seguiu-se a fragmentação do bloco soviético; esta que pode ser explicada pela “incapacidade do sistema de se adaptar a um novo modelo de economia e de sociedade” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 143), já que o novo contexto do mundo é o das novas tecnologias da informação, do capitalismo global e flexível, da sociedade em rede, enfim, de novas conjunturas políticas, econômicas e sociais.

Atualmente, novas questões não tipicamente territoriais aparecem; há uma aceleração da economia que não é acompanhada pela política, onde novas alianças estratégicas são misturadas a alianças comerciais, fazendo com que o “jogo político atual esteja mais preso à economia” (RUA, 1997, p. 34).

A competição atual não está mais centrada numa corrida armamentista, como antes, mas, sim, na busca de novos mercados, novas tecnologias, ganhos financeiros. Nesse sentido, Vesentini (2007) afirma que estão inseridas também as disputas culturais em que, nestas, incluem-se os fundamentalismos religiosos de uma civilização contra a outra; como exemplo, a civilização ocidental contra a islâmica, ou esta contra a hinduísta, esta contra a chinesa-confuciana, etc. Complementando ao já exposto, tem-se que os “[...] conflitos ou as guerras intracivilizações [...] teriam uma importância somente regional, ao passo que os conflitos intercivilizações [...] são mais perigosos e que têm uma repercussão global” (VESENTINI, 2007, p. 56).

Ao se tentar denominar a nova ordem, pode-se fazê-la como caracterizada pela instabilidade e desarticulação que são encontradas no cenário internacional, devido à decadência de modelos clássicos. Com isso, nessa nova ordem, coexistem atores estatais e não estatais, onde a soberania nacional estaria em declínio e “haveria uma desterritorialização no sentido de que a localização perdeu a sua antiga importância” (VESENTINI, 2007, p. 78).

As mudanças no mundo atual aceleraram-se e as distâncias diminuíram; a tecnologia transformou-se abruptamente; os hábitos e valores individuais,

no decorrer da vida, modificam-se e, portanto, as “novas geopolíticas” são exatamente tentativas de repensar a realidade pós-guerra fria, o mundo da globalização e da terceira revolução industrial” (VESENTINI, 2007, p. 112).

Então, nesse mundo pós-Guerra Fria e de consequente nova ordem, observa-se ocorrências políticas e sociais heterogêneas e difusas.

A nova ordem, apesar da denominação, ocasionou poucas modificações, tais como o crescimento da degradação social e ambiental; permanência dos Estados Unidos no controle político-militar do planeta - ressaltando-se que hoje não exerce mais de forma hegemônica e unicamente esse controle; a concentração do poderio militar ocorre paralelamente à concentração de novos indicadores de poder (tecnologia e a informação); questões regionais mantêm-se em difusão; e as velhas problemáticas agudizam-se ainda mais.

A nova Divisão Internacional do Trabalho (DIT) baseia-se nos (des)níveis tecnológicos dos que dominam a engenharia e a tecnologia de ponta, as atividades produtivas padronizadas e a produção voltada para as etapas de execução e montagem de produtos. Nessa nova DIT, a qualificação técnica, a produção de novas tecnologias e a modernização dos serviços são fatores fundamentais para a diferenciação entre os estados.

O atual sistema é mais desigual do que o precedente. As conexões de *internets* são mais visíveis nos países centrais que nos periféricos. Além disso, está presente a crise financeira mundial, o terrorismo internacional, a economia criminal, crise ambiental, quarto mundo, analfabetismos tecnológicos, dentre outros fatores que são consequências da nova ordem mundial do século XX.

A essa circunstância, VESENTINI (2007, p. 51-52) afirma que

[...] o principal reparo que se pode fazer a esse tipo de interpretação que vê na nova ordem, em especial na globalização, um agravamento constante da pobreza e das desigualdades internacionais, é o seu alto nível de generalização. Norte e principalmente Sul são duas noções geoeconômicas demasiado genéricas, que se tornaram populares na mídia a partir dos anos 1980, mas que não fornecem uma idéia precisa de como o mundo se divide sob o ponto de vista da

geração de riquezas. [...] Mas do ponto de vista científico, [...] essas noções pouco ajudam.

As relações entre os países centrais e periféricos levaram estes últimos de uma dependência a uma irrelevância significativa. Ou seja, o intercâmbio comercial desigual concretizou a dependência dos países periféricos em relação aos centrais, como também uma subordinação diplomática, passando pela exploração dos recursos naturais das (ex)colônias. Em relação à irrelevância, estes estados passaram a se tornar insignificantes, inúteis ao capitalismo, seja pela escassez de recursos naturais, seja pelo analfabetismo, longas disputas bélicas, entre outros. Essas terras não interessam nem mesmo para exploração, isto é, caracterizam-se por uma opacidade que as identificam como terras incógnitas.

Com as terras incógnitas, aparece a polarização do mundo em termos de distribuição da riqueza e do bem-estar social. A pobreza elevou-se em todo o planeta, coincidindo com o auge do capitalismo informacional e da globalização. A elevação da miséria é visível na Europa do Leste e na ex-URSS. A África Subsaariana é outra região excluída dos fluxos de riqueza e informação, já que nessa área encontram-se os piores índices de pobreza e marginalidade. Em diversos locais, são também presentes os altos índices de desemprego, epidemia de doenças, crise agrícola, corrupção; isto é, geração de problemas pela ausência efetiva do estado.

Com a globalização, surgiram aspectos contraditórios e obscuros. Práticas de corrupção e guerrilhas espalham-se por todo o planeta, internacionalizando-se, devido às tecnologias da informação, assim como os circuitos financeiros que atuam em lavagem de dinheiro e paraísos fiscais. Há, ainda, redes criminais organizadas pelo narcotráfico que trabalham com outras mercadorias, como armas, imigrantes ilegais, mulheres para prostituição, etc. - comércio este que pode ser tanto ou mais rentável que o próprio tráfico de drogas.

Outro fator dessa conjuntura envolve os emigrantes e os refugiados. As migrações intensificaram-se por motivos econômicos, principalmente; como também a “instabilidade no Terceiro Mundo e os conflitos bélicos, em consequência da queda do Muro de Berlim e do colapso da União Soviética [...]” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 165). A imigração trata “abertamente da

tensão entre a proteção dos direitos humanos universalmente reconhecidos e a soberania estatal” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 165).

Os refugiados são forçados a emigrar por razões específicas, na maioria das vezes por motivações econômicas. Nesse sentido, os europeus foram os que mais contribuíram para o povoamento dos países. Entretanto, após a Segunda Guerra Mundial, com uma diminuição das taxas de fecundidade europeias, “o aumento do nível de vida e a estabilidade política e social reduziram esta migração até torná-la quase insignificante” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 166).

Assim, conceitualmente, refugiado é o que se vê forçado a fugir do seu país ao sentir-se ameaçado por motivos de raça, religião e nacionalidade ou por pertencer a um determinado grupo social. Há refugiados por razões ambientais, ou seja, pessoas que são obrigadas “a se deslocar como resultado da degradação ambiental de seu habitat tradicional por desastres naturais, ou provocados pela atividade humana” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 174). Dentre esses, há os expulsos devido a resultados de mudanças ambientais repentinas, mas reversíveis; os permanentemente expulsos devido a mudanças quase irreversíveis; e aqueles que abandonam seu lugar pelo fato da perda da qualidade de vida provocada pela degradação de seu entorno.

No contexto pós-Guerra Fria, é perceptível o quarto mundo, ou seja, locais de pobreza, de miséria e de marginalidade nos países ricos. Mundo esse presente não somente em países periféricos, mas também nos países centrais. O quarto mundo está localizado nas cidades, entretanto, existindo também em áreas rurais sob novas formas de pobreza, que são geradas pelas políticas neoliberais que promovem uma desregulação e um enfraquecimento do estado de bem-estar social.

Afirmando isso, Becker e Egler (1993, apud BECKER, 2007, p. 303) dizem que

[...] além de conter a maior parcela da dívida do sistema financeiro internacional, a semiperiferia contribui para acentuar a instabilidade da ‘ordem’ planetária, gerando condições de periferia, no centro, representadas por bolsões de pobreza de migrantes não absorvidos [...]

Devido à disseminação da informação e do progresso tecnológico, as empresas permanecem a dispensar seus empregados mais antigos e

melhor pagos visando substituí-los por trabalhadores mais jovens com menor remuneração, além de se utilizarem de máquinas que substituem a mão de obra humana.

A guerra pós-moderna, apesar de estar em crise, não desaparece e

[...] nela participam grupos armados não regulares [...]; não se distingue entre população civil e militar, e a população civil é de fato também um objetivo militar; recorre-se ao terror indiscriminado contra populações indefesas; não se reconhece a neutralidade, nem as leis de cessar-fogo; não se respeitam os limites territoriais dos Estados; o financiamento das atividades tem frequentemente uma origem criminosa e, finalmente, determinados atos violentos têm função claramente propagandista [...] (FONT; RUFÍ, 2006, p. 184-185).

A Organização das Nações Unidas (ONU), política e diplomaticamente, ainda tem sua estrutura de antes da Segunda Guerra Mundial e parece não estar “preparada para enfrentar os desafios do novo contexto geopolítico” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 191). Os EUA exercem forte influência sobre a instituição a fim de almejar seus objetivos. Na prática, não ocorre a propaganda igualdade soberana dos membros integrantes da ONU.

Outro fator presente na nova ordem mundial é o terrorismo, que é uma forma violenta de protesto e tornou-se mais amplamente conhecido depois do ataque às torres gêmeas, centro financeiro norte-americano, em 11 de setembro de 2001. Como resposta, os EUA iniciaram crescentes bombardeios ao Afeganistão, país este onde se localiza o principal grupo terrorista (Al-Qaeda), liderado por Osama Bin Laden, que foi considerado o responsável pelo ataque. Dentre as finalidades do terrorismo, estão as de semear o pânico, desestabilizar instituições, etc.

O velho terrorismo caracterizava-se pelo assassinato de líderes do regime que combatiam e assumiam seus atos. No novo terrorismo, não existem inocentes e todos devem sofrer as consequências do regime sob o qual vivem, chamando a atenção para a imprensa internacional, ou seja, a busca pelo sensacionalismo, além de não se assumir a autoria dos atentados. O novo terrorismo é global e detém novos e poderosos meios de destruição, sejam químicos, biológicos ou tecnológicos, membros recrutados em outros países, financiamentos diversos, etc.

A xenofobia, como presença na nova ordem mundial, caracteriza-se por movimentos

nacionalistas com repúdio considerável aos imigrantes e à pobreza advinda dos países periféricos. Segundo Façanha (2004, p. 26) a “aversão aos estrangeiros é melhor visualizada em alguns países da Europa, mas já se pode perceber esse fenômeno em outras áreas, a exemplo dos EUA, frente à rejeição aos latino-americanos”. Ou seja, a xenofobia, como aversão ao que é estrangeiro, tanto como a coisas e pessoas, tem como exemplificação os países alemães, onde grupos denominados *skinheads* agem contra imigrantes, principalmente.

Conforme abordado, verifica-se que a ordem implantada desde 1945, e que ruiu em 1989, com a queda do muro de Berlim, o símbolo da derrocada da bipolaridade mundial, foi substituída por uma geopolítica da complexidade, com novas abordagens e interesses diversos.

A busca atual é pela informação e novas tecnologias, fazendo com que muitos países não tenham acesso igualmente a essas inovações, ocasionando contradições e situações obscuras na nova ordem. A questão militar e armamentista já não é mais evidenciada.

Verifica-se que são notórios e crescentes os problemas decorrentes da nova ordem mundial e da globalização, em aspectos políticos e, principalmente, sociais.

Assim, percebe-se que este trabalho aborda de maneira parcial a temática, já que não houve a pretensão de totalizá-la ou esgotá-la, permitindo que outras pessoas interessadas possam complementar este tema, discutindo sobre aspectos aqui não enfatizados ●

Nota:

¹ Artigo produzido na disciplina Organização Espacial do Mundo, ministrada pelo prof. Antônio Façanha, no período 2009.1, no curso de Geografia/UFPI.

Referências

- BECKER, B. K. A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In: CASTRO, I. E de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSTA, W. M. da. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FAÇANHA, A. C. *Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens*. Teresina: EDUFPI, 2004.
- FONT, J. N.; RUFÍ, J. V. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2006.
- MIYAMOTO, S. Geopolítica e poder. In: MIYAMOTO, S. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Estado e Política).
- RUA, João. A geopolítica americana: da Independência à Guerra Fria. *Geoverj*, Revista do Departamento de Geografia da UERJ, Rio de Janeiro, n.9, p. 33-44, 1997.
- VESENTINI, José William. *Novas Geopolíticas*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- VESENTINI, José William. *A Nova Ordem Mundial*. [200-?]. Disponível em: <http://www.geocritica.com.br/geopolitica03.htm> Acesso em: 02 jul. 2009.

* **Graduada em Pedagogia (UESPI, 2008), graduanda em Geografia e bolsista da Iniciação Científica Voluntária (ICV) da UFPI. E-mail: ioshuacostaguedes@yahoo.com.br.**